



O GRANDE LIVRO DO AMOR de Kahlil Gibran

Seleção, tradução e organização

José Luís
Nunes Martins

A razão de ser do Universo
nas palavras de um
dos mais amados poetas


nascente

Índice



Introdução	7
Os Segredos do Coração	9
Risos e Lágrimas	15
A Estátua	19
A Tocha Branca	21
O Astrónomo	25
O Salvador	27
Dar	33
A Mulher Surda	37
As Vestes	41
A Criação	43
O Que É Existir?	45
A Pérola	49
A Viúva e o Filho	51
O Amor Triunfa	55
O Criminoso	59
O Louco	61

Razão e Paixão.....	63
Como Me Tornei Louco	67
Os Dois Caçadores.....	69
A Partida.....	71
A Maldição	83
Encontrar Deus	85
A Encantadora Hourí.....	87
Dois Desejos.....	91
O Profeta Solitário	95
Morte.....	97
Quem É Deus?	99
E Ninguém a Quem Dar... ..	103
A Sombra	107
A Cidade dos Mortos	109
Beleza e Fealdade	113
Areia e Espuma	115
Na Feira	145
Filhos	149
A Minha Alegria	151
A Minha Tristeza.....	153
Casamento	155
Paz	157
A Senhora Rose Hanie	161
Amor.....	183
Fontes dos textos.....	187

Introdução



Kahlil Gibran é um dos poetas mais inspirados da literatura espiritual.

As suas palavras são sempre simples, a sua sabedoria é acessível e ensina-nos a crescer até ao ponto de a experimentarmos na nossa vida pessoal e concreta.

Os poemas de Gibran são caminhos para dentro do nosso próprio íntimo. Assim aceitemos o desafio de nos conhecermos e de nos levarmos mais longe e mais alto.

A seleção dos textos apresentados nesta obra, bem como a sua sequência, pretende criar um caminho em espiral em busca dos contornos do amor. Uma aproximação paciente e abrangente ao sentido dos sentidos da vida.

O amor é tudo, mas nem tudo é amor. Amar supõe uma compreensão mais elevada de nós mesmos, do outro e da vida que nos anima e do mundo em que vivemos.

Amar é também sofrer, mas tendo sempre presente a certeza de que depois de cada inverno, por mais impiedoso que seja, chega sempre a primavera, na qual se podem contemplar com serenidade o significado e a importância das trevas e do frio dos tempos de adversidade.

O amor escolhe-nos e chama-nos. Os que decidem segui-lo, lançam-se num salto de fé.

Que este livro seja um conjunto de ensinamentos profundos capazes de ajudar a lapidar o coração, a alma e a razão de todos os que se entregam à autenticidade da vida.

Agradeço a sua confiança neste livro. Desafio-o a confiar-se a ele.

Obrigado, muito.

José Luís Nunes Martins



Os Segredos do Coração

Uma mansão majestosa erguia-se sob as asas da noite silenciosa, tal como a Vida permanece a coberto da Morte. Lá dentro, sentava-se uma donzela a uma secretária de marfim, encostando a cabeça à sua mão suave, como as pétalas de um lírio que murcham. Olhava em volta, sentindo-se uma prisioneira infeliz, lutando para penetrar com os olhos as paredes da masmorra a fim de poder presenciar a Vida a caminhar na marcha da Liberdade.

As horas passavam como fantasmas da noite, como um cortejo cantando o hino fúnebre da sua

tristeza, e a donzela sentia-se segura ao derramar as suas lágrimas na solidão angustiada. Quando já não conseguia resistir mais à pressão do seu sofrimento, e sentiu que estava na plena posse dos estimados segredos do seu coração, pegou na pena e começou a misturar as suas lágrimas com a tinta no pergaminho, e escreveu:

Minha amada irmã,

Quando o coração se enche de segredos, os olhos começam a arder com lágrimas escaldantes, e o peito fica prestes a rebentar com o crescente aperto no coração, só se pode encontrar a saída para tal labirinto através de uma onda de libertação.

As pessoas infelizes encontram alegria na lamentação, os amantes encontram conforto e piedade nos sonhos, e os oprimidos deleitam-se ao receber compaixão. Escrevo-te agora, porque me sinto como um poeta que fantasia sobre a beleza dos objetos cuja impressão compõe em versos, enquanto é governado por um poder divino... Eu sou como uma filha de pobres famintos que chora por comida, instigada pela amargura da fome, ignorando a luta da sua pobre e misericordiosa mãe e a sua derrota na vida.

Ouve a minha dolorosa história, minha querida irmã, e chora por mim, pois o pranto é como uma oração, e as lágrimas de misericórdia são como uma caridade, pois provêm de uma alma viva, sensível e boa, e não são derramadas em vão. Foi por vontade do meu pai que casei com um homem nobre e rico. O meu pai era como a

maioria dos ricos, cuja única alegria na vida é aumentar a sua riqueza, enchendo os seus cofres com mais ouro, com medo da pobreza, e agradando aos nobres com grandezas, antecipando os ataques dos dias negros... Encontro-me agora, com todo o meu amor e sonhos, como uma vítima sobre um altar dourado que odeio, e, com uma honra herdada, que desprezo.

Respeito o meu marido, porque é generoso e bondoso para com todos. Procura apenas trazer-me felicidade e gasta o seu ouro para tentar agradar o meu coração, mas eu descobri que a impressão destas coisas não vale um único momento de um amor verdadeiro e divino. Não me ridicularizes, minha irmã, pois sou hoje uma pessoa mais iluminada no que diz respeito às necessidades do coração de uma mulher, esse coração palpitante que é como um pássaro que voa no vasto Céu do amor... É como uma taça transbordante com o vinho dos tempos que foi pisado para as almas sedentas... É como um livro em cujas páginas se leem os capítulos da felicidade e da miséria, da alegria e da dor, do riso e da mágoa. Ninguém pode ler este livro a não ser o verdadeiro companheiro que é a outra metade da mulher, criado para ela desde o início do mundo.

Sim, eu tornei-me a mais sábia das mulheres sobre o propósito da alma e o significado do coração, pois aprendi que os meus magníficos cavalos, lindas carruagens, reluzentes cofres de ouro e sublime nobreza não valem tanto quanto um olhar daquele jovem que suporta pacientemente a angústia da amargura e do sofrimento...

Aquele jovem que é oprimido pela vontade cruel do meu pai e aprisionado na estreita e melancólica prisão da vida.

Por favor, minha querida, não procures consolar-me, pois a desgraça que me revelou o poder do meu amor é o meu maior consolo. Agora, desejo e aguardo, por trás das minhas lágrimas, a chegada da morte, que me guiará até onde encontrarei o companheiro da minha alma e, então, poderei abraçá-lo, tal como fiz antes de entrarmos neste estranho mundo.

Não penses mal de mim, pois estou a cumprir o meu papel como esposa fiel, cumprindo calma e pacientemente as leis e regras do Homem. Honro o meu marido com o meu entendimento, respeito-o com o meu coração e venero-o com a minha alma, contudo há algo que não lhe entrego, pois Deus deu parte de mim ao meu amado antes de eu o conhecer.

O Céu quis que eu passasse parte da minha vida com um homem que não me foi destinado, e estou a gastar os meus dias silenciosamente, de acordo com esse desejo celestial. Mas, se os portões da Eternidade não se abrirem, permanecerei com a bonita metade da minha alma e olharei para o passado, e o passado será este presente... Olharei para a Vida como a primavera olha para o inverno, contemplando os obstáculos da Vida, tal como alguém que escalou por um duro trilho e alcançou o topo da montanha.



Nesse momento, a donzela parou de escrever, escondeu a face com as mãos em concha e chorou amargamente. O seu coração desistiu de confiar à pena os seus segredos mais sagrados, tendo preferido derramar lágrimas secas, que se dispersaram rapidamente e se misturaram com o primoroso éter, esse que é o refúgio das almas dos amantes e dos espíritos das flores.

Um momento depois, pegou na pena e acrescentou:

Lembras-te daquele jovem?

Recordas-te dos raios que emanavam dos seus olhos e dos sinais pesarosos na sua face?

Lembras-te do riso que antecipou as lágrimas da mãe, separada do seu único filho?

Consegues ter ainda memória da sua voz serena que ecoava como um vale distante?

Relembras-te dele a meditar e a olhar saudosamente para os objetos, falando deles com palavras estranhas, e depois inclinando a cabeça enquanto suspirava, como se tivesse medo de revelar os segredos do seu grande coração?

Recordas-te dos seus sonhos e crenças?

Lembras-te desse jovem que a humanidade tem como um dos seus filhos, sobre quem o meu pai olhava com olhos de superioridade, pois ele está acima da ganância terrena e é mais nobre do que a grandeza herdada?

Sabes, minha querida irmã, sou uma mártir neste mundo que rebaixa, sou uma vítima da ignorância. Compreenderás tu uma irmã que se sinta em silêncio na noite horrível, derramando o seu ser e revelando-te os segredos do seu coração?

Tenho a certeza de que me compreenderás,
pois sei que o Amor visitou o teu coração.



A madrugada chegou, e a donzela rendeu-se ao sono, esperando encontrar sonhos mais doces e gentis do que aqueles que tinha encontrado acordada...



Risos e Lágrimas

Enquanto o Sol recolhia os seus raios do jardim e a Lua projetava suaves feixes da sua luz sobre as flores, sentei-me debaixo das árvores, meditando sobre o fenómeno da atmosfera, olhando através dos ramos para as estrelas espalhadas, que brilhavam como pedaços de prata sobre um tapete azul; e consegui ouvir ao longe o murmúrio agitado do riacho, cantando apressadamente o seu caminho pelo vale adentro.

Quando os pássaros se abrigaram entre os galhos, e as flores recolheram as suas pétalas, e um tremendo silêncio se abateu sobre tudo, ouvi o

som de pés sobre a relva. Fiquei atento e vi um jovem casal aproximar-se. Sentaram-se debaixo de uma árvore, onde os podia ver sem ser visto.

Depois de ele olhar na minha direção, ouvi o jovem dizer:

Senta-te a meu lado, minha amada, e ouve o meu coração; sorri, pois a tua felicidade é símbolo do nosso futuro; alegra-te, pois os dias cintilantes rejubilam connosco.

A minha alma acautela-me da dúvida no teu coração, pois a dúvida no amor é pecado. Em breve, serás possuidora desta vasta terra, iluminada por esta bela Lua; e, em breve também, serás a senhora do meu palácio, e todos os servos e criadas obedecerão às tuas ordens.

Sorri, minha amada, como sorri o ouro dos cofres do meu pai!

O meu coração recusa-se a negar-te o seu segredo. Doze meses de conforto e viagem nos esperam; durante um ano, gastaremos o ouro do meu pai nos lagos azuis da Suíça e também contemplaremos os monumentos da Itália e do Egito, assim como repousaremos sobre os Cedros Sagrados do Líbano. Conhecerás princesas que te invejarão pelas tuas joias e vestes.

Todas estas coisas farei por ti; ficarás satisfeita?

Daí a pouco, observei-os enquanto andavam pisando as flores, como os ricos esmagam os corações dos pobres. À medida que desapareciam da minha vista, comecei a fazer comparações entre amor e dinheiro, analisando a posição de cada um no coração.

Dinheiro! A origem do amor desonesto; a fonte da falsa luz e fortuna; o poço de água envenenada; o desespero da velhice!

Encontrava-me ainda a vaguear no deserto da contemplação, quando um casal, de aspeto estranho e abandonado, passou por mim e se sentou na relva; um jovem rapaz e uma jovem rapariga que tinham vindo das suas humildes cabanas até este lugar fresco e solitário.

Após alguns momentos de total silêncio, ouvi as seguintes palavras, proferidas com suspiros de lábios calejados pelo tempo:

Não derrames lágrimas, minha amada; o amor que abre os nossos olhos e aprisiona os nossos corações pode dar-nos a bênção da paciência. Toma consolo na nossa demora, pois nós fizemos um juramento e entrámos no templo do Amor; o nosso amor crescerá sempre na adversidade; pois é em nome do Amor que sofremos as adversidades da pobreza, a agudeza da miséria e o vazio da separação. Combaterei estas provações até triunfar, e porei nas tuas mãos uma força que superará todas as coisas, para completar a nossa jornada na vida.

O Amor – que é Deus – considerará os nossos suspiros e lágrimas como incenso queimado no Seu altar, e recompensar-nos-á com a Sua força. Adeus, minha amada; tenho de partir antes que a Lua, que me dá ânimo, desapareça.

Uma voz pura, combinação da chama ardente do amor, da desesperada amargura da saudade e resoluta doçura da paciência, disse:

Adeus, minha amada.

Separaram-se, e o lamento da sua união foi sufocado pelos brados do meu coração, que chorava.

Contemplei a Natureza adormecida, e, com uma profunda reflexão, descobri a realidade de algo vasto e infinito – algo que não podia ser exigido por nenhum poder, adquirido por nenhuma influência ou comprado por nenhuma riqueza. Nem podia ser apagado pelas lágrimas do tempo ou entorpecido pela mágoa; uma coisa que não pode ser descoberta nos lagos azuis da Suíça nem nos belos monumentos da Itália e do Egito. É algo que une a força à paciência, cresce apesar dos obstáculos, aquece no inverno, floresce na primavera, lança uma brisa no verão e dá frutos no outono – encontrei o Amor.



A Estátua

Em tempos, vivia entre as colinas
um homem que possuía uma estátua,
cinzelada por um antigo mestre.

Estava à sua porta, de cara no chão,
sem que ele sequer reparasse nela.

Um dia, passou por aquela casa um homem da
cidade,

um homem de conhecimento,
e, vendo a estátua,

perguntou ao dono se estaria disposto a vendê-
-la.

O dono riu e disse:

«E quem me quereria comprar essa pedra sem graça e suja?»

O homem da cidade respondeu:

«Dar-te-ei por ela esta moeda de prata.»

O outro homem ficou surpreso e satisfeito.

A estátua foi levada para a cidade, às costas de um elefante.

Muitas luas depois,

o homem das colinas visitou a cidade,

e, enquanto andava pelas ruas,

viu uma multidão diante de uma loja,

e um homem que gritava:

«Entrai e contemplai a mais bela e maravilhosa estátua de todo o mundo.

São apenas duas moedas de prata para contemplar a obra-prima de um mestre!»

Então, o homem das colinas pagou duas moedas de prata,

e entrou na loja para ver a estátua,

que ele próprio havia vendido

por uma só moeda de prata.



A Tocha Branca

O primeiro mês da primavera estava quase no fim. Continuei a visitar a casa de Farris Effandi e a encontrar-me com Selma naquele belo jardim, contemplando a sua beleza, maravilhando-me com a sua inteligência e ouvindo a quietude da sua mágoa. Senti uma mão invisível que me atraía para ela.

Cada visita dava-me um novo significado da sua beleza e uma nova compreensão do seu doce espírito, até que se tornou num livro cujas páginas eu compreendia e cujas preces eu conseguia cantar, mas que nunca conseguia acabar de ler. Uma mulher

a quem a Providência concedeu beleza de espírito e corpo, com uma tal verdade, evidente e secreta ao mesmo tempo, que apenas podemos compreender pelo amor e tocar pela virtude; e quando tentamos descrever tal mulher, ela parece evaporar-se.

Selma Karamy tem beleza física e espiritual, mas como a posso descrever a alguém que não a conheça? Pode um morto lembrar-se do cantar do rouxinol, da fragrância de uma rosa e do suspiro de um riacho? Pode um prisioneiro, carregado com pesados grilhões, seguir a brisa do amanhecer? Não é o silêncio mais doloroso do que a morte? Será que o orgulho me impede de descrever Selma por palavras, visto que não a posso descrever verdadeiramente com cores luminosas? Um homem esfomeado no deserto não recusará comer pão seco, se o Céu não o inundar de maná e codornizes.

No seu vestido branco de seda, Selma era tão esguia como um raio de luar que entra por uma janela. Andava com graciosidade e ritmo. A sua voz era grave e doce; as palavras caíam da sua boca como gotas de orvalho tombando das pétalas das flores quando são agitadas pelo vento.

Mas o rosto de Selma! Não há palavras para descrever a sua expressão, refletindo, primeiro, grande sofrimento interior e, depois, uma elevação divina.

A beleza da cara de Selma não era clássica; era como um sonho de revelação, que não pode ser medido, limitado ou copiado pelo pincel de um pintor ou pelo cinzel de um escultor. A beleza de Selma não estava no seu cabelo dourado, mas na virtude de pureza que a envolvia; não nos seus grandes olhos, mas na luz que deles emanava; não nos seus lábios encarnados, mas na doçura das suas palavras; não no seu pescoço de marfim; mas no seu ligeiro arquear para a frente. Nem era na sua figura perfeita, mas na nobreza do

seu espírito, que ardia como uma tocha branca entre o Céu e a Terra. A sua beleza era como uma dádiva de poesia. Mas os poetas são infelizes, pois, por mais alto que cheguem os seus espíritos, permanecem envoltos num mar de lágrimas.

Selma era profundamente pensativa ao invés de faladora, e o seu silêncio era uma espécie de música que transportava quem a ouvia, olhando-o nos olhos, para um mundo de sonhos, e fazendo-o escutar o bater do seu próprio coração e ver os fantasmas dos seus pensamentos e sentimentos.

Ela usou um manto de profundo pesar ao longo de toda a sua vida, o que aumentava a sua estranha beleza e dignidade, tal como uma árvore em flor é mais encantadora vista através da neblina da manhã.

A mágoa uniu os nossos espíritos, como se cada um visse na face do outro o que sentia o seu coração e ouvisse o eco de uma voz escondida. Deus havia tornado dois corpos num, e a separação não seria senão agonia.

O espírito infeliz só encontra repouso quando se junta a outro espírito igual. Unem-se afetuosamente, da mesma forma que um estranho é saudado quando vê um outro estranho numa terra estranha. Corações que são unidos pela mágoa não serão separados pela glória da felicidade. O amor, que é purificado pelas lágrimas, permanecerá eternamente puro e belo.

**Quando o Amor vos chamar, segui-o.
Embora os seus caminhos sejam duros e inclinados.
E, quando as suas asas
vos abraçarem, rendei-vos.**

As tocantes e inspiradoras palavras de Kahlil Gibran, o aclamado autor de *O Profeta*, descrevem os diferentes tipos de amor: do materno ao fraterno, passando pelo físico e o espiritual. José Luís Nunes Martins, filósofo e escritor, partiu do acervo de textos do artista libanês e das múltiplas dimensões deste afeto avassalador para criar esta obra única e surpreendente. Nela encontrará reflexões, meditações, poemas e aforismos destinados a encher o seu coração e a desvendar os seus cambiantes.

«Que este livro seja um conjunto de ensinamentos profundos capazes de ajudar a lapidar o coração, a alma e a razão de todos os que se entregam à autenticidade da vida.»

Não perca também:



nascente
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8873-61-3



9 789898 873613

Espiritualidades